



## Intertextualidade e desqualificação do adversário no uso da hashtag em tuítes

**Rafael Botelho Dutra**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil  
orcid.org/0000-0001-7582-3800

**Maria da Graça dos Santos Faria**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil  
orcid.org/0000-0002-2704-0497

A internet intensificou discursos que se entrecruzam antagonicamente. Desse modo, esta pesquisa se propõe a analisar a intertextualidade em *hashtags* utilizadas em textos da rede social *Twitter*, a fim de que se possa apreender a desqualificação do adversário na polêmica pública. A fundamentação teórica recorre aos estudos sobre a polêmica pública (AMOSSY, 2017), à classificação do argumento *ad hominem* (FIORIN, 2015), ao tecnodiscurso (PAVEAU, 2020) e à intertextualidade no que diz respeito à alusão ampla (CARVALHO, 2018). Para a análise, foram selecionados dois tuítes produzidos em dois contextos polêmicos distintos que envolvem a conduta do presidente Jair Bolsonaro com questões de interesse para a sociedade brasileira. A análise permitiu constatar que a intertextualidade intensifica o ataque direcionado à pessoa ou ao grupo que assume o lado oposto na polêmica pública, ao fazer uso da *hashtag* em textos virulentos na rede social *Twitter*.

**Palavras-chave:** Argumentação. Polêmica pública. Intertextualidade. *Hashtag*.

### Intertextualidad y descalificación del adversario en el uso de hashtags en tuits

La internet ha intensificado discursos que se entrelazan antagonicamente. Así, esta investigación se propone analizar la intertextualidad en los *hashtags* utilizados en los textos de la red social *Twitter*, para que se pueda aprehender la descalificación del oponente en la polémica pública. La fundamentación teórica recurre a estudios sobre la controversia pública (AMOSSY, 2017), la clasificación del argumento *ad hominem* (FIORIN, 2015), el tecnodiscurso (PAVEAU, 2020) y la intertextualidad con respecto a la alusión amplia (CARVALHO, 2018). Para el análisis, fueron seleccionados dos tuits producidos en dos contextos polémicos diferentes que involucran la conducta del presidente Jair Bolsonaro con temas de interés para la sociedad brasileña. El análisis mostró que la intertextualidad intensifica el ataque dirigido a la persona o grupo que toma el lado opuesto en la polémica pública, al hacer uso del *hashtag* en textos virulentos en la red social *Twitter*.

**Palabras clave:** Argumentación. Controversia pública. Intertextualidad. *Hashtag*.

### Intertextuality and adversary disqualification in the use of hashtags in tweets

The internet has intensified discourses that are antagonistically intertwined. Thus, this research proposes to analyze the intertextuality in *hashtags* used in texts on the social network *Twitter*, in order to better apprehend the disqualification of the opponent in public controversy. The theoretical foundation resorts to studies on public controversy (AMOSSY, 2017), the classification of the *ad hominem* argument (FIORIN, 2015), technodiscourse (PAVEAU, 2020) and intertextuality with regard to broad allusion (CARVALHO, 2018). For this analysis, two tweets produced in two different polemical contexts involving President Jair Bolsonaro's conduct dealing with issues of interest to Brazilian society were selected. The analysis showed that intertextuality intensifies the attack directed at the person or group that takes the opposite side in the public controversy, by making use of the *hashtag* in virulent texts on the social network *Twitter*.

**Keywords:** Argumentation. Public controversy. Intertextuality. *Hashtag*.

## Introdução

No âmbito do texto, acreditamos que a mobilização de estratégias de textualização colabora para a construção de sentidos que auxiliam no posicionamento firmado pelo locutor. Nesse sentido, a organização do texto está a serviço de uma tentativa de influência que pode ocorrer de maneira mais implícita ou mais explícita, e é por isso que compartilhamos do pressuposto de Adam (2011) de que a textualidade está orientada argumentativamente.

A Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD), proposta por Ruth Amossy (2018), conduz as reflexões deste estudo a partir de três aspectos: 1) a TAD considera que a argumentação é inerente ao discurso; compartilhamos desse ponto de vista, mas salientamos que, para nós, filiados à Linguística Textual (doravante LT), a argumentação precisa considerar aspectos próprios da textualização; 2) essa corrente teórica propõe que traços de argumentatividade podem ser apreendidos no nível do texto, mas ressaltamos que, diferente da TAD, a concepção de texto que assumimos nesta investigação está para além da ligação dos elementos que compõem a materialidade do cotexto; e 3) a teoria desenvolvida por Ruth Amossy nos possibilita trabalhar com modalidades argumentativas, mas, para esta pesquisa, interessa-nos apenas a modalidade argumentativa polêmica, no que respeita à propriedade de desqualificação do adversário.

Nossas reflexões se situam em polêmicas inseridas no contexto sociopolítico do Brasil, em especial a relação do presidente Jair Bolsonaro com assuntos de interesse a todos os brasileiros. Nesses contextos de grandes conflitos, a rede social *Twitter*, que hoje possui quase 15 milhões de usuários apenas no Brasil, dispõe de uma participação muito ativa nas questões em que há confronto verbal público.

Tomando como base o papel do *Twitter* nas controvérsias públicas, traçamos como objetivo analisar a intertextualidade em *hashtags* utilizadas em *tweets*, a fim de que se possa apreender a desqualificação do adversário na polêmica. Para isso, foram selecionados dois tuítes produzidos em dois contextos polêmicos distintos: 1) a viagem de Bolsonaro para Santa Catarina durante o período em que moradores do estado da Bahia sofriam, em dezembro de 2021, com enchentes que destruíram casas e deixaram mortos nas regiões alagadas; 2) o caso do *youtuber* Wilker Leão que aparece em um vídeo de 18 de agosto de 2022 chamando o presidente de “tchutchuca do Centrão”.

Para além desta parte introdutória, o texto segue a seguinte organização: a discussão teórica sobre a polêmica pública e seu pertencimento aos estudos argumentativos, além do papel do argumento *ad hominem* para a desqualificação, são tratados na seção um. Em seguida, na seção dois, há os estudos sobre a intertextualidade e suas relações estritas e amplas. Na seção três, apresentam-se as análises dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa. Em seguida, há as considerações finais. Por fim, as referências utilizadas para a realização deste estudo.

## 1 Argumentação no discurso e polêmica pública

Ruth Amossy (2018) pensa a argumentação como analisável em todo uso discursivo que ou defenda uma tese, um dizer projetado para apresentar um posicionamento declarado do locutor, ou que apenas oriente modos de pensar, de ver e de sentir dos interlocutores. Essa perspectiva supõe, então, que todo discurso é argumentativo, o que, para nós, filiados à Linguística Textual, redundaria na constatação de que não procede mais a separação textos argumentativos *versus* textos não argumentativos.

Partindo disso, com bases enunciativa e pragmática, mais especificamente a partir dos estudos desenvolvidos por Émile Benveniste (1976) e Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980), a Teoria da Argumentação no Discurso, que considera que a argumentação “não participa somente dos textos que tentam fazer aceitar uma tese bem definida, mas também daqueles que levam a compartilhar um ponto de vista sobre o real, reforçando valores, orientando a reflexão” (AMOSSY, 2018, p. 46), leva em conta dois modos distintos de apreender os modos de organização da argumentatividade no discurso: *pela visada argumentativa* e *pela dimensão argumentativa*.

Em outros termos, a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo. (AMOSSY, 2018, p. 44).

Assim, na *visada argumentativa*, o locutor planeja um projeto argumentativo confesso com o claro objetivo de persuadir seus interlocutores. Por outro lado, nos textos com *dimensão argumentativa*, Amossy (2018) enfatiza que o locutor apresenta seu ponto de vista, sem a pretensão de persuadir seus interlocutores. Nesse caso, o locutor exerce influência orientando os modos de pensar dos outros, mas não constrói um projeto de persuasão em seu dizer. Esse modo de organização argumentativa no discurso adere a uma concepção ampla que dialoga diretamente com a noção bakhtiniana de dialogismo. Segundo Bakhtin (2011), todo discurso responde a um já dito.

A argumentatividade aparece, então, como uma consequência do dialogismo inerente ao discurso. Isso é um desvio da retórica clássica, que se ligava apenas aos projetos argumentativos confessos: considera-se aqui que a argumentação atravessa o conjunto dos discursos. (AMOSSY, 2018, p. 43).

A distinção desses dois modos de organização argumentativa nos discursos levou Amossy (2008) a considerar a argumentação em um *continuum*, em que se podem observar módulos argumentativos (ou modalidades argumentativas): *a. modalidade demonstrativa*: busca a adesão do interlocutor a uma tese, pautado em uma demonstração racional que lança mão de provas; *b. modalidade patêmica (ou modalidade patética)*: o locutor apela aos sentimentos do auditório para garantir sua adesão; *c. modalidade pedagógica*: o locutor (ou uma instância de locução) ocupa um *status* superior em relação ao outro, pois ele está autorizado a dizer o que diz e entendido como um detentor de um saber que merece credibilidade; *d. modalidade de coconstrução*: os participantes de uma interação levantam um problema e, coletivamente, coconstroem as respostas para solucionar tal problema; *e. modalidade negociada*: os participantes da interação, apesar de ocuparem posições conflitantes, buscam, coletivamente, o consenso que solucione a questão que os coloca em posições divergentes; e *f. modalidade polêmica*: os participantes da interação ocupam posições profundamente antagônicas, em que há o ataque mútuo às teses adversárias e a desqualificação do outro no embate verbal.

Neste estudo, debruçamo-nos sobre a modalidade argumentativa polêmica do discurso, uma vez que nos preocupamos em analisar a intertextualidade em casos de desqualificação do adversário, particularmente pelo emprego de *hashtags*. Para isso, iniciamos pela descrição das características essenciais dessa modalidade argumentativa apontadas por Ruth Amossy (2017).

A autora propõe um estudo da polêmica pública no interior da argumentatividade discursiva. Assim, se, por um lado, as retóricas clássica e contemporânea advogam por uma argumentação que visa sempre a um acordo para resolução de conflitos, a TAD, que propõe as modalidades argumentativas em que se situa a polêmica como um desses módulos, abrange em seu escopo teórico uma *retórica do dissenso*.

Se, de fato, o conflito é inevitável em nossas democracias pluralistas e se o cerne da democracia não é o consenso, mas a gestão do *dissenso*, então a polêmica como confronto verbal de opiniões contraditórias que não leva a um acordo utópico deve ser reconsiderada em profundidade. É, por conseguinte, uma retórica do *dissenso* que é necessário desenvolver, na qual a polêmica deve ter lugar de destaque. (AMOSSY, 2018, p. 38).

Como modalidade argumentativa, a polêmica é uma oposição de discursos, o que leva Amossy (2017, p. 49) a considerar que, na polêmica, “o antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*.” Desse modo, a fala polêmica é marcada por um contradiscurso que lhe constitui; não basta que um locutor mobilize argumentos para sustentar a sua tese, ele necessita, também, trazer argumentos que refutem/desqualifiquem a tese de seu adversário ou a própria pessoa que assume o papel de adversário (ANGENOT, 1982).

A polêmica é marcada por um forte antagonismo de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Desse modo, o discurso polêmico já nasce dicotomizado, já que os participantes do confronto verbal público laçam suas teses sem o propósito de negociar a busca por um consenso que ultrapasse as diferenças. Ou seja, a natureza discursiva da polêmica impossibilita qualquer tipo de acordo, pois “se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara *dicotomização* na qual duas posições antitéticas se excluem mutuamente” (AMOSSY, 2017, p. 53).

Dessa maneira, as posições dos polemistas são manifestadas em discursos inconciliáveis, o que impede o acordo. Essas posições dicotomizadas, como salienta Dominique Maingueneau (1983), evidenciam que esses discursos polêmicos se retroalimentam, no sentido de que um só existe em prol do outro, aliando-se, desse modo, a uma concepção dialógica da linguagem. Mas a definição de polêmica como modalidade argumentativa, de Amossy, é diferente da visão polêmica como intercompreensão, sustentada por Maingueneau.

Além da dicotomização, a polêmica instaura uma polarização evidenciada pela divisão de dois grupos que se mantêm em campos opostos. Isto é, as vozes sociais dos participantes da polêmica são colocadas em dois extremos que apresentam teses e opiniões profundamente divergentes umas das outras. Assim, cada grupo apresenta uma determinada identidade diante da questão polêmica de interesse público, revelando, pois, que, diferentemente da dicotomização, que é uma operação abstrata, a polarização é um fenômeno social, necessariamente. Desse modo, segundo King e Froyd (1974, p. 244 *apud* AMOSSY, 2017, p. 56), podemos considerar que:

[...] a polarização pode ser definida como um processo através do qual um público extremamente diversificado se funde em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutuamente excludentes, que partilham uma grande solidariedade aos valores que o argumentador considera fundamentais.

Consoante Macedo (2018), os participantes do conflito verbal não argumentam para serem persuadidos, já que, na polêmica, nenhuma das partes se compromete em buscar o acordo. Ocorre, pois, que, nessa interação conflituosa, cada lado reafirma sua tese, desqualifica a tese adversária (ou a pessoa/grupo) e tenta atingir o Terceiro, um auditório sem direito à fala que, em princípio, pode aderir a uma das teses e, conseqüentemente, intensificar a polarização social.

Por fim, tem-se a desqualificação do outro, traço da polêmica de nosso interesse para esta pesquisa. Os participantes de uma polêmica pública se reagrupam em lados opostos, refirmando não só o aspecto identitário que os une numa relação de um “nós” contra um “eles”, como também apresenta o adversário pejorativamente. Isso faz parte de um aspecto inerente à fala polêmica – o contradiscurso.

Amossy (2017), Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020) veem na desqualificação uma condição estratégica dos dois lados que se excluem mutuamente, já que, ao desqualificar o adversário, os participantes da polêmica apresentam ao Terceiro, aquele a quem eles tentam arrebanhar, um adversário desacreditado, alguém a quem não se deve levar a sério, ou, em alguns casos, alguém como “o símbolo do erro e do mal”.

É por isso que a polarização utiliza, de bom grado, manobras de difamação. Trata-se de uma estratégia retórica para desacreditar o adversário, definindo-o como um defensor de um ponto de vista caracterizado por sua má-fé (*não autêntico*) e suas más intenções (*mal-intencionado*) (Vanderford, 1989, p. 166; tradução da autora). Não nos impressionamos, portanto, em ver que a exacerbação em grupos antagônicos, em que cada um afirma sua identidade social opondo-se e fazendo do outro o símbolo do erro e do mal. (AMOSSY, 2017, p. 58, grifos da autora).

Comumente, segundo Amossy (2017), a tática mais utilizada consiste em refutar a palavra do outro e atacar a imagem da pessoa ou do grupo ligado a ela. Nesta pesquisa, buscamos analisar a mobilização do diálogo entre textos por parte de um locutor que busca reforçar seu ataque em uma argumentação polêmica, construindo sentidos que colaboram para a depreciação do adversário.

### 1.1 A desqualificação e o argumento *ad hominem*

Consoante Kebrart-Orecchioni (1980), a essência do discurso polêmico está na desqualificação. Desse modo, o locutor age pelo discurso para vencer seu adversário na arena do confronto verbal público. A refutação da tese, por exemplo, que é geralmente acompanhada por um ataque à pessoa que a defende, potencializa o enfraquecimento dos argumentos do adversário.

Amossy (2017) considera que a relação de ataque mútuo pode variar: o atacante pode, por exemplo, tentar rebaixar seu adversário a partir de algum aspecto explicitado no discurso deste; o atacante pode, também, tentar silenciar o adversário por considerá-lo irrelevante para a discussão; ou, por outro lado, ele pode tentar diabolizar a imagem de seu adversário, despertando as paixões de repulsa e ódio no auditório. Cavalcante *et al.* (2020) e Macedo (2018) afirmam que essa desqualificação é sempre orientada para uma tentativa de influenciar o Terceiro, por isso, muitas das vezes, os participantes da interação usam de argumentos *ad hominem* para traçar um ataque que seja mais direcionado ao sujeito que se apresenta como adversário.

O objetivo, na desqualificação do outro em uma modalidade polêmica, não é discutir os méritos da razoabilidade dos argumentos do Oponente, mas sim desqualificar o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, não confiável ou inconsequente. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 63).

Nesta pesquisa, iremos analisar textos em que há o ataque à pessoa (ou grupo) que representa algum dos lados extremos de uma polêmica pública, a partir do argumento *ad hominem* apresentado na classificação de Fiorin (2015, p.171-172):

O ataque pessoal direto: dirigido a qualquer aspecto da pessoa do argumentador (seu caráter, sua competência, sua honestidade) para atingir a ética do adversário, apresentando-o como desonesto, não íntegro, não digno de confiança, ou seja, nesse ataque, sempre se apresenta uma característica negativa do debatedor;

O ataque pessoal indireto: coloca sob suspeita a imparcialidade do argumentador, apresentando uma característica do oponente, que, em princípio, não seria negativa (filiação política, crença religiosa, etnia, alianças de qualquer natureza), assim, apresenta-se esse argumentador como alguém tendencioso, que defende uma pauta oculta, que tem motivações pessoais para lutar em favor de uma dada posição, que pode estar motivado por preconceitos ou por uma visão parcial;

Aponta contradições: apresenta a posição atual do adversário e pontos de vista sobre o mesmo tema no passado ou entre suas palavras e suas ações.

## 2 Intertextualidade: alusão ampla a textos não particulares

Entendemos que a produção textual requer uma operação por parte de um locutor que mobiliza estratégias de textualidade para produzir sentido(s) em uma tentativa de influenciar seu interlocutor. Assim, conforme Cavalcante *et al.* (2020, p. 13), a argumentação é concebida “como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual”.

Na Linguística Textual a que nos filiamos, a argumentação, considerada a partir do aspecto dialógico, é concebida como uma atividade essencialmente

humana, em que o texto é condição *sine qua non* para sua manifestação. Assim, a argumentação está presente nas mais diversas interações que o ser humano realiza no seu dia a dia, no uso da linguagem que, segundo Koch e Elias (2017, p. 13), revela “relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que pretendemos provocar no nosso interlocutor etc.”.

Entendemos, pois, que a análise da LT não se limita a uma simples descrição de mecanismos de ligação de elementos textuais, uma vez que ela investiga a construção de sentidos situada em contextos, a partir de uma perspectiva sociodiscursiva e sociocognitiva. Nossas análises, portanto, partem da descrição e da interpretação das unidades de textualização organizadas em um projeto de dizer contextualizado (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

Estamos de acordo com Cavalcante *et al.* (2020) que admitem que todo texto é argumentativo, a partir da compreensão de que o sujeito é atravessado por forças sociais e ideológicas, agindo intencional e estrategicamente para influenciar o outro. Dessa maneira, pautados em Cavalcante (2016), reconhecemos a textualização como imprescindível para apreendermos a argumentação nos discursos, pois:

É na dimensão do texto que a argumentação se evidencia. Se, para Amossy, a argumentação é constitutiva do discurso, penso que, para a LT, é na dimensão das relações de textualização que a argumentação se inscreve, em total dependência com as relações de coerência textual. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 22).

Nesta investigação, vamos analisar a desqualificação do adversário a partir de um dos fenômenos linguísticos mais estudados pelos pesquisadores em Linguística Textual: a intertextualidade.

A intertextualidade, considerada como um fenômeno textual-discursivo, é uma das estratégias que imprimem, inerentemente, argumentação à textualização. Isto é, admitimos, a partir de Carvalho (2018) e Cavalcante *et al.* (2020), que a argumentação é subjacente a esse fenômeno linguístico.

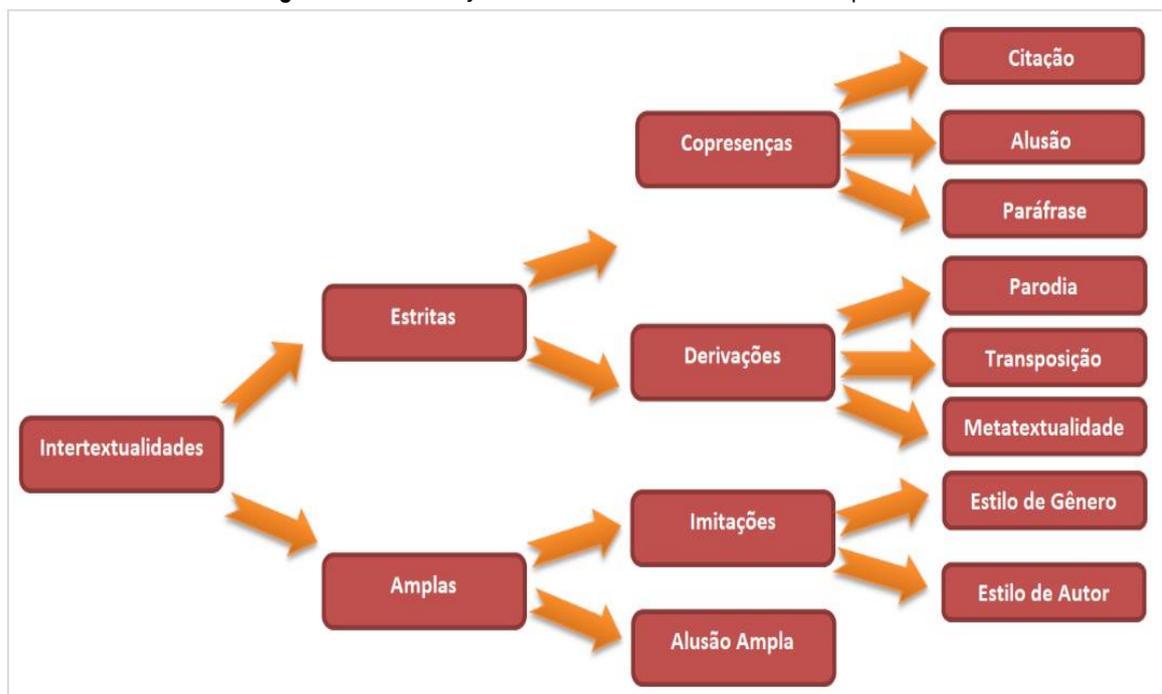
Utilizaremos os estudos de Carvalho (2018), que conferem ao fenômeno da intertextualidade uma visão mais ampla, uma vez que consideramos, com base na autora, as ocorrências intertextuais como aquelas em que podemos recuperar o texto-fonte e aquelas em que admitimos uma relação intertextual mais ampla, “em que o diálogo se dá não entre textos específicos, mas entre um texto e um conjunto de textos” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 105).

Carvalho (2018) defende as ocorrências intertextuais em que há de retomada a “fatos pontuais e/ou eventos marcantes e amplamente difundidos”, marcados difusamente no contexto, numa relação de um texto com textos diversos. Desse modo, a autora faz as seguintes considerações para propor uma divisão das intertextualidades em estritas e amplas:

[...] a intertextualidade pode se estabelecer por remissões de diversos tipos, tais como ao léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, ao tom, dentre outras. Nessa perspectiva, importa, antes, a copresença de textos, parâmetros genéricos ou de estilo(s) de autor(es), que pode ou não ser reconhecida pelo interlocutor. Pleiteamos que, constitucionalmente, a intertextualidade se subdivide em duas formas distintas, embora não excludentes: i) estrita, dada pela copresença (inserção efetiva de um texto em outro) ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto; e ii) ampla, dada não pela marca de copresença de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa a conjuntos de textos: por indícios à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos; ou a uma temática divulgada por diversos textos. (CARVALHO, 2018, p. 11-12).

A classificação a seguir apresenta essas duas visões da intertextualidade e os diálogos intertextuais que delas emergem:

Figura 1 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas



Fonte: Carvalho (2018).

Com relação às intertextualidades estritas, há as relações de copresença a partir da *citação literal* (com ou sem referência), tornando esta relação intertextual

mais explícita, já que traz o intertexto em sua versão original ao novo texto. Há também a *alusão estrita* (uma menção indireta), relação intertextual em que o locutor deixa pistas para que seu interlocutor resgate o sentido pretendido do texto, pois há “insinuações, menções indiretas” ao texto-fonte no novo texto. E há ainda o *parafraseamento de conteúdos*, quando o novo texto reformula o intertexto, sem com isso se desviar do conteúdo deste.

A esses processos, que são de copresença, Carvalho (2018) acrescenta alguns fenômenos de derivação, mas vale destacar que esses processos de derivação, como demonstra Faria (2014), recorrem às copresenças para se constituir, operando uma transformação no texto-fonte. A característica fundamental dos processos de derivação consiste na alteração do texto-fonte através de aspectos formais, estilísticos ou de conteúdo, sem a perda de aspectos semânticos.

Dentro desse grupo de relações, Carvalho (2018) aponta a *paródia* como responsável por reformular forma e/ou conteúdo do texto utilizado como um modo de produzir humor. A autora também inscreve, nas intertextualidades estritas por derivação, os fenômenos de *transposição*, pelos quais se opera a reformulação de todos os traços de um texto-fonte para outro texto, mas sem levar em conta o “traço humorístico” que está presente na paródia. Além desses dois casos intertextuais de derivação, há a *metatextualidade*, definida pela relação de um texto que comenta/critica/avalia um outro texto, muito recorrente nas interações que ocorrem no ambiente digital *on-line*.

Salientamos que todas essas noções intertextuais, tais como copresença, transposição, metatextualidade etc., já haviam sido propostas por Genette (2010) e, posteriormente, por Piègay-Gros (2010) no âmbito da Literatura, mas Carvalho (2018) reorienta esses estudos, reagrupando essas noções dentro da proposta de intertextualidades estritas e amplas, apresentando, para tanto, análises de textos de diversos gêneros e ampliando os estudos sobre o fenômeno da intertextualidade.

Nas intertextualidades amplas, há três situações que podem ou não ser reconhecidas pelo interlocutor, conforme Carvalho (2018, p. 98-107):

1. Imitação de parâmetros de gênero: iniciada por aspectos enunciativos que ajudam a recuperar a mobilização de parâmetros do gênero (características composicionais, temáticas e funcionais que configuram determinado gênero; marcas superestruturais, “tais como o modo como as seções são localizadas relativamente à totalidade do espaço (na escrita) ou do tempo (na oralidade) de um texto”; e o modo de apresentação física de um texto);

2. Imitação de estilo de autor: corresponde à imitação de recursos discursivos e textuais, que criam uma imagem do autor, isto é, esses recursos apresentam um dado estilo que se apresenta reconhecível. Carvalho (2018) salienta que esse tipo de imitação pode se dar de maneira singular (imitando o estilo de determinado autor – o estilo de Guimarães Rosa) ou coletiva (imitando vários autores que têm em comum o mesmo estilo – o estilo do Parnasianismo);
3. Alusão ampla a textos não particulares: essa remissão ocorre por meio de referências indiretas não a um texto específico, mas “a um conjunto de textos que tratam da mesma temática ou de uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos”.

Trata-se de relações intertextuais em que um texto não cria um diálogo com um texto específico, mas sim com um conjunto de textos, sendo que nem sempre o interlocutor reconhecerá essas relações de intertextualidade ampla (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2018).

Sobre a alusão ampla, de interesse para esta investigação, devemos fazer algumas ponderações para que esse tipo de relação intertextual não seja confundido com fenômenos constitutivos da linguagem, como o dialogismo e a interdiscursividade, por exemplo. Carvalho (2018) demonstra que, apesar de retomar fatos, conteúdos ou situações de maneira difusa, a alusão ampla estabelece “uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros”, não devendo, por tanto, ser confundida como um fenômeno que constitui a linguagem, pois é um recurso pontual de textualização.

Desse modo, a alusão ampla a textos não particulares marca uma situação-limite entre a intertextualidade e os fenômenos constitutivos da linguagem, pois a autora considera que:

Em outros termos, podemos dizer que, quanto mais evidências, mais próximos estaremos das intertextualidades e quanto mais difusas ou inapreensíveis as marcas do diálogo entre textos específicos ou entre um texto e um conjunto de textos, mais nos aproximamos de outras noções, incluindo a de memória discursiva. (CARVALHO, 2018, p. 120).

Podemos afirmar, portanto, que o texto assume um caráter heterogêneo em sua constituição, uma vez que, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 12), “dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, a que alude ou aos quais se opõe”. Assim, a intertextualidade, em especial a alusão ampla a textos não particulares, está inerentemente ligada à

orientação argumentativa do texto, questão fundamental para o texto de caráter fortemente antagônico, em especial no que diz respeito à desqualificação do adversário no confronto verbal instaurado pela polêmica pública.

### 3 O uso da *hashtag* em *tweets* na desqualificação do adversário

O conflito público de discursos, na contemporaneidade, tem tido um forte apelo do espaço digital de interações *on-line*, que tende a reforçar a circulação intensa de textos polêmicos, tendo como principal auxiliar as redes sociais digitais.

Sobre isso, Silva (2020, p. 23) destaca que:

As redes sociais digitais são, pois, os espaços públicos nos quais se instauram as polêmicas nas sociedades contemporâneas. Nesse ambiente, tudo é muito volúvel, tudo se torna facilmente publicizado. Qualquer acontecimento que desperte emoções, por mais efêmero que possa ser, pode provocar um choque de conflitos, de pontos de vista nas redes sociais e envolver um número expressivo de usuários, tornando-se de interesse público.

O *Twitter*, cujo acesso é livre e gratuito, é uma rede social digital que hoje, somente no Brasil, conta com quase 15 milhões de usuários. Atualmente, o tuíte (nome dado ao texto produzido nessa rede social) suporta, no máximo, até 280 caracteres. Nos estudos da Análise do Discurso Digital (doravante ADD), o tuíte é considerado como um dos tipos de discursos nativos digitais com maior nível de deslinearização, pois “ele concentra, na verdade, em seu enunciado, pelos menos três formas de hiperlink: o pseudônimo, a *hashtag* e o URL, completos ou reduzidos, e contém em seus metadados (que são partes da definição do tuíte) palavras-instrução em número consequente” (PAVEAU, 2020, p. 63).

A *hashtag*, por sua vez, é um segmento tecnolinguageiro precedido do signo # (popularmente conhecido no Brasil como “jogo da velha”), utilizado, originalmente, na rede social digital *Twitter*. Trata-se de um segmento clicável que é inserido manualmente num tuíte (texto digital) e que permite acessar um fio que agrupa o conjunto de textos que contêm a *hashtag*. Por conta dessa praticidade de ligar um texto a outros textos e evidenciar acontecimentos de atualidade em um determinado momento histórico, por exemplo, o uso da *hashtag* se faz muito presente nos tuítes que debatem sobre alguma questão polêmica e de interesse público no contexto brasileiro.

Nos dois tuítes (Figura 2 e Figura 3) a seguir, apresentamos uma análise textual do uso da *hashtag* em dois acontecimentos que geraram polêmicas no contexto brasileiro.

Figura 2 – Tuíte com a hashtag #BolsonaroVagabundo



Fonte: <https://twitter.com/FreudDebochado/status/1475791547471912965>.

O texto ilustrado na Figura 2, tuíte publicado pelo perfil Freud Debochado, compartilhado em 28 de dezembro de 2021, insere-se no contexto em que o chefe do Executivo, Jair Bolsonaro, viajou para Santa Catarina, andou de *jet ski* e pescou, enquanto moradores do estado da Bahia sofriam, em dezembro de 2021, com enchentes que destruíram casas e deixaram mortos nas regiões alagadas.

A polêmica pública surge a partir de uma matéria divulgada pelo portal ND Mais<sup>1</sup>, em que mostra Bolsonaro, cercado de simpatizantes, declarando que “espera não ter de retornar a Brasília”, após ser questionado sobre sua estadia no Sul durante a reta final do ano de 2021. Muitos políticos da oposição defenderam a tese de que Bolsonaro deveria abrir mão de sua folga para apoiar de perto as famílias desabrigadas. Por outro lado, apoiadores do presidente argumentaram que o governo já estava se empenhando para ajudar as regiões alagadas, o que dispensava sua ida até à Bahia.

O texto de Freud Debochado traz, em sua constituição, um *print* de uma publicação de um dos filhos do presidente (Carlos Bolsonaro) acompanhada por um comentário de Thiago Cruz, que rebate ironicamente o texto de Carlos Bolsonaro.

Em seu tuíte, Freud Debochado reformula esse “diálogo” em “Pai é pai, mesmo sendo tão vil, baixo e canalha” e, por fim, acrescenta a *hashtag* #BolsonaroVagabundo que, a nosso ver, retoma diversos textos que compartilham

<sup>1</sup> Matéria do portal ND Mais na íntegra em: <https://ndmais.com.br/politica-brasileira/fotos-na-praia-bolsonaro-diz-espero-nao-ter-de-retornar/>.

do mesmo assunto para atacar a falta de compromisso do presidente do Brasil, neste caso específico, com as vítimas das enchentes na Bahia. A *hashtag*, assim, contextualiza e situa o texto na polêmica em questão.

Esse texto ilustra um caso em que o ataque ao adversário é reforçado pelo uso da *hashtag* #BolsonaroVagabundo. Entendemos que esse adversário é tanto o presidente Bolsonaro quanto aqueles que o defenderam no embate público por acreditarem que a folga de Bolsonaro não deveria ser interrompida, apesar das enchentes que estavam destruindo casas em municípios da Bahia.

No que diz respeito ao argumento *ad hominem*, a *hashtag* #BolsonaroVagabundo caracteriza a criação de um dos lados na polêmica, buscando atingir algum aspecto pessoal do adversário que possa ser desqualificado. Neste caso, o adversário é, conforme a classificação de Fiorin (2015), apresentado ao Terceiro como um alguém “incapaz” ou “indiferente”.

A *hashtag*, ainda, estabelece uma relação intertextual evidenciada pela alusão ampla a textos não particulares, uma vez que retoma a repercussão negativa da posição e da fala do presidente na reportagem divulgada pelo portal ND Mais compartilhada pelos jornais, pelos portais de notícias e, principalmente, pelas redes sociais.

O adjetivo “vagabundo” acrescentado ao nome do presidente, que na *hashtag* forma um segmento longo, de acordo com o tecnodiscurso de Paveau (2020), retoma esses textos diversos e, a partir disso, manifesta o ataque pessoal direto, apresentando o presidente como uma pessoa incompetente e irresponsável para exercer a função de Chefe de Estado que não se interessa em ajudar os brasileiros que merecem sua devida atenção.

Figura 3 – Tuíte com a hashtag #TchutchucaDoCentrao



Fonte: <https://twitter.com/LeandroSanRib/status/1560404190337404931>.

O texto da Figura 3 é um tuíte produzido no contexto em que o *youtuber* brasileiro Wilker Leão aparece em um vídeo chamando o presidente Jair Bolsonaro de “tchutchuca do Centrão”. A situação aconteceu nas imediações do Palácio do Planalto no dia 18 de agosto de 2022, e o vídeo mostra Bolsonaro irritado tentando retirar o celular das mãos do *youtuber* após ouvir a expressão.

O episódio ganhou notoriedade política e midiática, e reacendeu a polêmica sobre a relação de Bolsonaro com os políticos do “Centrão”, termo que, dentre outras coisas, se refere a um grupo de parlamentares de diferentes partidos políticos, que transita entre governos de direita e de esquerda, e que se articulam para tomar as mesmas medidas ao votar sobre um determinado projeto, visando a uma aproximação com o Poder Executivo, para obter vantagens e privilégios. Vale destacar que, durante muitos anos, o presidente Jair Bolsonaro se mostrava como um grande opositor das manobras dos políticos do “Centrão”, no entanto, tem se declarado, mais recentemente, como pertencente a esse bloco de parlamentares, como assim o fez ao dar uma entrevista à Rádio Banda B, de Curitiba, em 22 de julho de 2022, declarando “Eu sou do Centrão”.

O termo “tchutchuca” vem de um funk carioca que fez grande sucesso nacional nos anos 2000, do grupo Bonde do Tigrão. Na canção “Tchu Tchuca”, o grupo canta “vem, vem, Thu Tchuca; vem aqui pro seu Tigrão”. No tuíte, vemos uma imagem que zomba do presidente, mostrando seu rosto em um corpo de uma mulher usando uma roupa que remete muito a mulheres que dançam funk (a blusa é a bandeira do Brasil, símbolo nacional muito utilizado por Bolsonaro e seus seguidores), e há ainda uma legenda com a expressão “Tchutchuca do Centrão”. Destaca-se, ainda, o enunciado “A internet não perdoa!”, evidenciando a rápida popularização da expressão utilizada pelo *youtuber* Wilker Leão. Além disso, observamos, na Figura 3, que a expressão aparece na *hashtag* #TchutchucaDoCentra.

No que se refere ao argumento *ad hominem*, a internauta estabelece um ataque direcionado ao caráter de Bolsonaro, apresentando contradição em sua conduta política, já que o político fazia duras críticas ao Centrão em inúmeras ocasiões quando ainda não era presidente da República. Segundo Fiorin (2015), a apresentação de contradição é constantemente utilizada no cenário do debate político, uma vez que os políticos costumam assumir posições diferentes quando estão no governo ou na oposição. Desse modo, a *hashtag* #TchutchucaDoCentrao ressalta a submissão de Jair Bolsonaro ao Centrão.

Além disso, essa *hashtag* não só reúne esse tuíte a outros textos que usam a mesma *hashtag*, como também estabelece uma alusão ampla ao retomar vários textos que confirmam e repercutem a relação de Bolsonaro com os parlamentares desse grupo político. Essa intertextualidade refere-se, assim, aos discursos midiáticos e políticos que repercutiram o episódio envolvendo o *youtuber* e a relação do presidente com o Centrão.

Observamos, portanto, que a alusão ampla pelo uso da *hashtag* #TchutchucaDoCentrao cumpre o propósito de apresentar a “verdade dos fatos” pela desqualificação do adversário: o presidente Bolsonaro trai a si e a seus aliados quando decide se submeter às vontades do grupo denominado Centrão.

A análise dos dois tuítes demonstra que a *hashtag* é um recurso tecnolinguageiro que evidencia, nos dois contextos polêmicos, não só um ataque virulento, como também um processo intertextual de alusão ampla que retoma vários textos que confirmam o distanciamento do presidente Jair Bolsonaro com o povo brasileiro e seus posicionamentos políticos contraditórios.

Portanto, observamos que, no âmbito do texto produzido na rede social *Twitter*, a mobilização da intertextualidade, do argumento *ad hominem* e da *hashtag* colabora para a construção de sentidos que auxiliam no posicionamento do locutor inserido em uma polêmica pública, evidenciando ataques em um processo de desqualificação do adversário.

### Considerações finais

Esta pesquisa demonstrou que a intertextualidade é uma estratégia textual que pode ser mobilizada para construir sentidos, partindo de uma motivação argumentativa do locutor. Observamos, ainda, que a intertextualidade é uma estratégia que confere força à desqualificação do adversário em uma polêmica pública por meio da alusão ampla a textos não particulares.

Constatamos também que o uso da *hashtag* (segmento tecnolinguageiro marcado pelo símbolo #) situa o texto na polêmica pública, contribuindo, desta forma, para o ataque na desqualificação do adversário.

Por fim, nosso estudo possibilitou compreender que os recursos tecnológicos são hoje imprescindíveis para o espaço democrático, pois é o lugar em que as vozes sociais mais rapidamente podem se fazer ouvir. Na rede social *Twitter*, as *hashtags*, que são, segundo Paveau (2020), tecnossegmentos linguageiros, e que foram analisamos textualmente, cumprem função social e política importantíssimas para a

pluralidade de pontos de vista e colaboram para a criação de grupos que se identificam a partir de uma tese em dada polêmica pública.

## Referências

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução: João Gomes da Silva Neto et al. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander (org.). **Análises do discurso hoje**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto et al. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução: Angela M. S. Corrêa et al. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANGENOT, Marc. **La parole pamphlétaire**. Typologie des discours modernes. Paris: 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. 1.ed. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1976.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Intertextualidades estritas e amplas**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, v. 14, n. 12, p. 106-124, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- CAVALCANTE; Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual e Argumentação**. 1.ed. Campinas: Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, p. 7-12, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução: Cibele Braga et al. 2.ed. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. La polémique et ses définitions. In: GELAS, Nicole; KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (eds.). **Le discours polémique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980, p. 3-40.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.
- KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Sémantique de la polemique**. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1983.
- PAVEAU, Marie-Anne. Discurso e *links*. Hipertextualidade, tecnodiscursividade, escritura. [2017]. Tradução: Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza (orgs.). **Texto, discurso e argumentação: traduções**. 1.ed. Campinas: Pontes, 2020. p. 41-70.
- PIÈGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante, Mônica Maria Feitosa Braga Gentil e Vicência Maria Freitas Jaguaribe. **Intersecções**, Jundiaí, ano 3, n. 1, p. 220-229, 2010. Disponível em: [http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes\\_ano\\_3\\_numero\\_1\\_20100516.pdf](http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes_ano_3_numero_1_20100516.pdf). Acesso em: 19 set. 2022.
- SILVA, Ananias Agostinho da. Os direitos humanos em conflito. **Revista Odisseia**, v. 5, n. 2, p. 18-38, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/20854>. Acesso em: 09 set. 2022.